

Algumas palavras sobre Jaqueline Campos...

Brasília – DF / Brasil - *aos dezesseis dias do décimo segundo mês do ano de hum mil novecentos e sessenta e três*, nasce, com certeza já artista, Jaqueline Campos Vieira.

Formada em Artes Visuais pela Faculdade Brasileira de Teatro / [Faculdade de Artes Dulcina de Moraes](#) (FBT).



Seu talento no domínio de várias técnicas, como o pastel, a aquarela, o acrílico, a xilogravura e papel machê, se revela único, ao visitar arredores de sua alma poética.

Assim, inquieta, curiosa, tímida porém intensamente ousada na sua intenção de ser apreciada, é a arte de Jaqueline Campos!

Imagens em (uni)versos de solidão e paixão.

É sempre instigante falar sobre arte. A arte é o lugar que o verossímil ou o inverossímil vêm à cena como tentativa de representar a vida em toda a sua complexidade.

Concordo com Ernest Fisher quando afirma que *“a função da arte não é a de passar por portas abertas, mas é a de abrir as portas fechadas.”* É justamente, pensando sobre a complexidade e na pretensão de ultrapassar por portas que se abrem, que me permito delinear algumas reflexões sobre a arte de Jaqueline Campos.

Tive contato com a obra da brasiliense Jaqueline Campos recentemente, na exposição organizada pela jornalista [Farida Issa](#), em Ipanema, no Rio de Janeiro. Ao observar sua arte, percebi que tanto nas imagens das xilogravuras, ou nos versos dos poemas, a artista consegue dar forma, buscando apreender sentimentos como a solidão e a paixão.

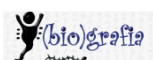
Nesta perspectiva, Jaqueline Campos abre as portas em sua criação para que possamos vislumbar como as particularidades transpiram universalidade.

Sua arte inventa a ilusão no momento em que costura representações de solidão e paixão.

Inventa a ilusão pelo som das palavras, no silêncio das reticências que acordam os acordes do que se quer escamotear, apagar os rastros da melancolia da solidão e das paixões perdidas. Inventa a ilusão na superfície irregular das gravuras, trazendo à cena as personagens que arremessam inquietações em meio às paisagens urbanas. Solidão e paixão inventadas se fundem, confundindo

o olhar pretensioso do observador que se lança à procura de seus próprios desejos, mas que teme encontrar seus fantasmas.

Contudo a solidão e a paixão são verdades suspeitas nas obras de



Jaqueline Campos. Pois, se por um lado as imagens das personagens sozinhas iludem pela indagação: a solidão é estar só? Ou é estar apaixonada?

Por outro lado, no contraponto das imagens sozinhas, estão as dos corpos entrelaçados, dos corpos que se tocam, provocando a dúvida se há paixão exorta a solidão? Ou o estar com o outro também pode ser solitário?! Vale lembrar que a xilogravura é a arte em negativo! O que vemos, é o avesso. O paradoxo acena como um possível viés na costura dos sentimentos em representações.

As certezas podem sim transfigurarem-se em incertezas, tudo deve ser suspeito.

É arte. As portas já foram abertas. Cabe agora atravessá-las e imaginar/indagar quais sentimentos devem ser revelados ou obscurecidos. Como um possível viés na costura dos sentimentos em representações. As certezas podem assim transfigurarem-se em incertezas, tudo deve ser suspeito.

Jaqueline Campos nos oferece sua obra que, ao traduzir, consegue desestabilizar a solidão e a paixão. A arte é vida. A vida é complexa. Parabéns Jaqueline!

Sucesso... hoje... sempre...

[Jussara Bittencourt de Sá](#)

**Profa. Literatura e Estética da Universidade do Sul de Santa Catarina
Doutora em Literatura - UFSC**